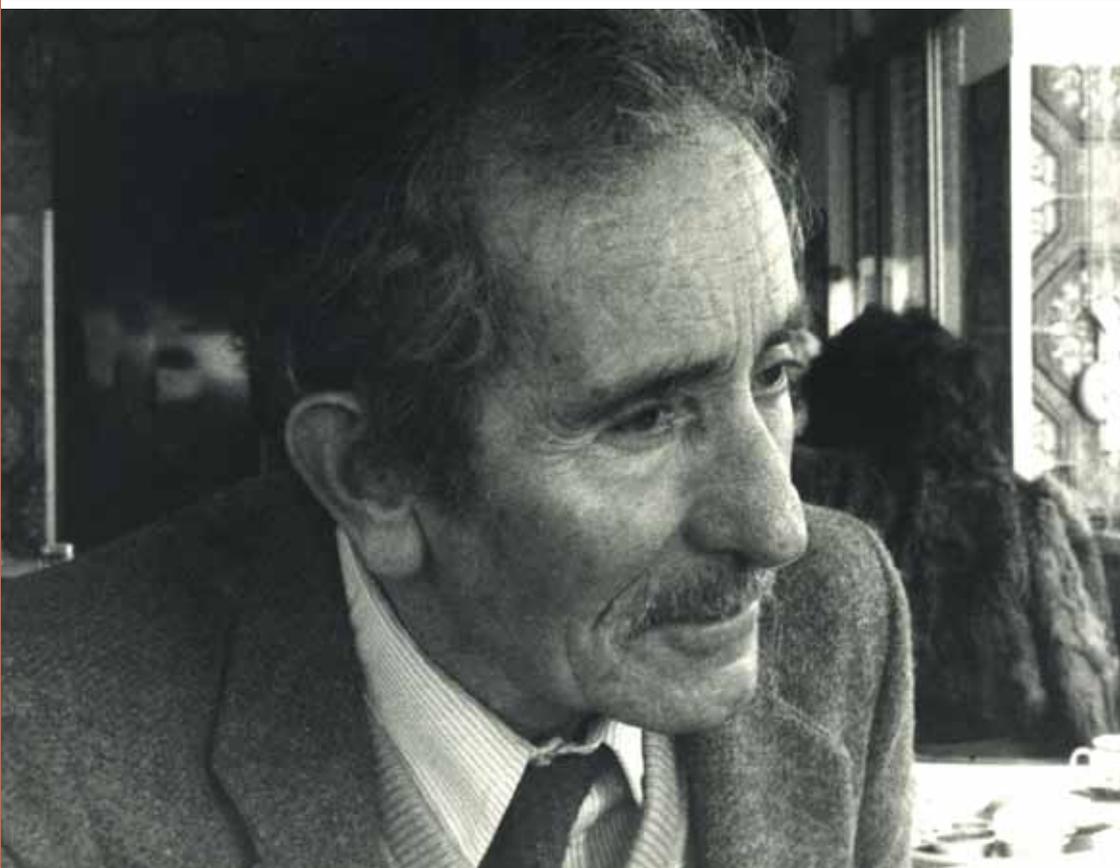


# ANTÓNIO DACOSTA

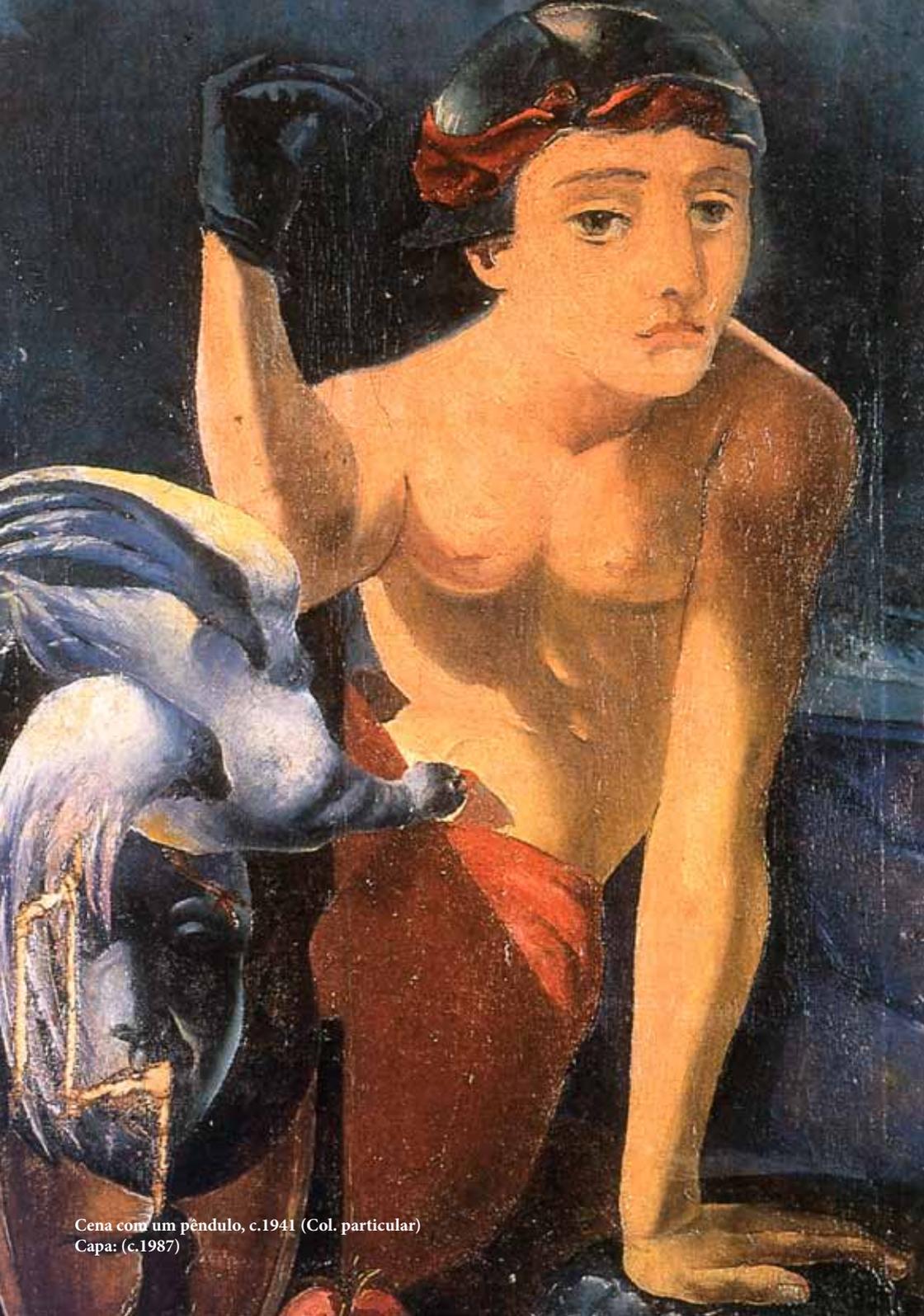
Pintor

1914 - 1990



COMISSÃO MUNICIPAL DE TOPONÍMIA

Março 2016



Cena com um pêndulo, c.1941 (Col. particular)  
Capa: (c.1987)

António Dacosta, o «pintor europeu das ilhas», foi ainda crítico de arte e poeta. Pelo contributo da sua obra para a introdução do surrealismo em Portugal, marco importante na pintura Portuguesa, esta edilidade presta-lhe a devida homenagem, perpetuando a sua memória numa artéria da cidade.

Lisboa, março de 2016

Catarina Vaz Pinto

Veredora da Cultura da Câmara Municipal de Lisboa



À porta da casa onde nasceu



ANTÓNIO DACOSTA  
1914-1990

António da Costa, que passou a assinar os seus quadros e a apresentar-se, a partir de 1938, com o apelido Dacosta, destacou-se como pintor, crítico de arte, poeta e contribuiu plenamente para a introdução do surrealismo em Portugal.

Nasceu na freguesia de Santa Luzia de Angra do Heroísmo, na ilha Terceira, nos Açores, a 3 de novembro de 1914, no seio de uma família de artífices. O seu pai era professor de marcenaria na Escola Comercial e Industrial de Madeira Pinto e costumava realizar restauros de mobílias e seu avô era carpinteiro e entalhador que executara vários retábulos em igrejas da Ilha.

Ainda adolescente começou a pintar a óleo paisagens da sua terra indicando desde logo a sua vocação artística que o leva, em 1935, a abandonar as ilhas rumo a Lisboa, para frequentar a Escola Superior de Belas-Artes onde se matriculou no curso de Pintura. Fixa-se na Rua da Quintinha, n.º1, rés-do-chão esquerdo (onde estará até cerca de 1939) e começa a frequentar o café *A Brasileira* do Chiado, onde conhece vários escritores, jornalistas e artistas lisboetas, integrando-se rapidamente nos circuitos intelectuais da capital.

Dacosta apresentou-se ao meio artístico português em 1940, numa exposição em Lisboa, onde já revelava a forte tendência surrealista da sua primeira fase, numa opção estética visivelmente oposta ao nacionalismo comemorativo da *Exposição do Mundo Português*.

Sobre esta primeira exposição de Dacosta, escreveu José-Augusto França (1): “ (...) Já, em 1940 mesmo, um acontecimento da via artística nacional marcou uma reacção em profundidade contra a situação estética da pintura portuguesa ao nível da «segunda geração» - e dela saiu de maneira heterodoxa. Em 11 de Novembro, estava ainda patente ao público a Exposição Mundo Português que se prorrogara, abriu, numa casa de móveis em liquidação, a par do Chiado (2), uma exposição de pintura e escultura de António Pedro, António Dacosta e Pamela Boden. (...) A exposição reunia dezasseis pinturas de Pedro, dez de Dacosta e seis esculturas de Pamela Boden – madeiras duramente talhadas, pedras e tijolos de expressão informal. (...) O público (...) não podia deixar de ficar desconcertado por estas duas dúzias de quadros que apelava, de maneira inteiramente diferente, para a sua imaginação – e que levavam mesmo a assumir ou a bordejar a grave crise de consciência da realidade mundial, de que a imagística oficial o arredava. O surrealismo de que se falara até então vagamente, desde 24, como veremos, irrompia nesta exposição, abrindo a pintura nacional para outros horizontes que ali polemicamente se definiam”.

E muito se escreveu na crítica de então. O *Diário de Lisboa* (3) relatava que “os espíritos inocentes da arte, da estética, da beleza e da naturalidade iam ser necessariamente alarmados”; no *Diário de Notícias* (4) podia ler-se: “Não é uma exposição acessível a toda a gente”, acrescentando, e o tempo melhor do que ninguém diria se os expositores tinham ou não razão; e a *República* (5) dizia que eram os “ultramodernos”.

A sua pintura apresenta um carácter dramático, melancólico ou mesmo angustiante, como *Serenata Açoreana* ou *Cena Aberta* (1940).

---

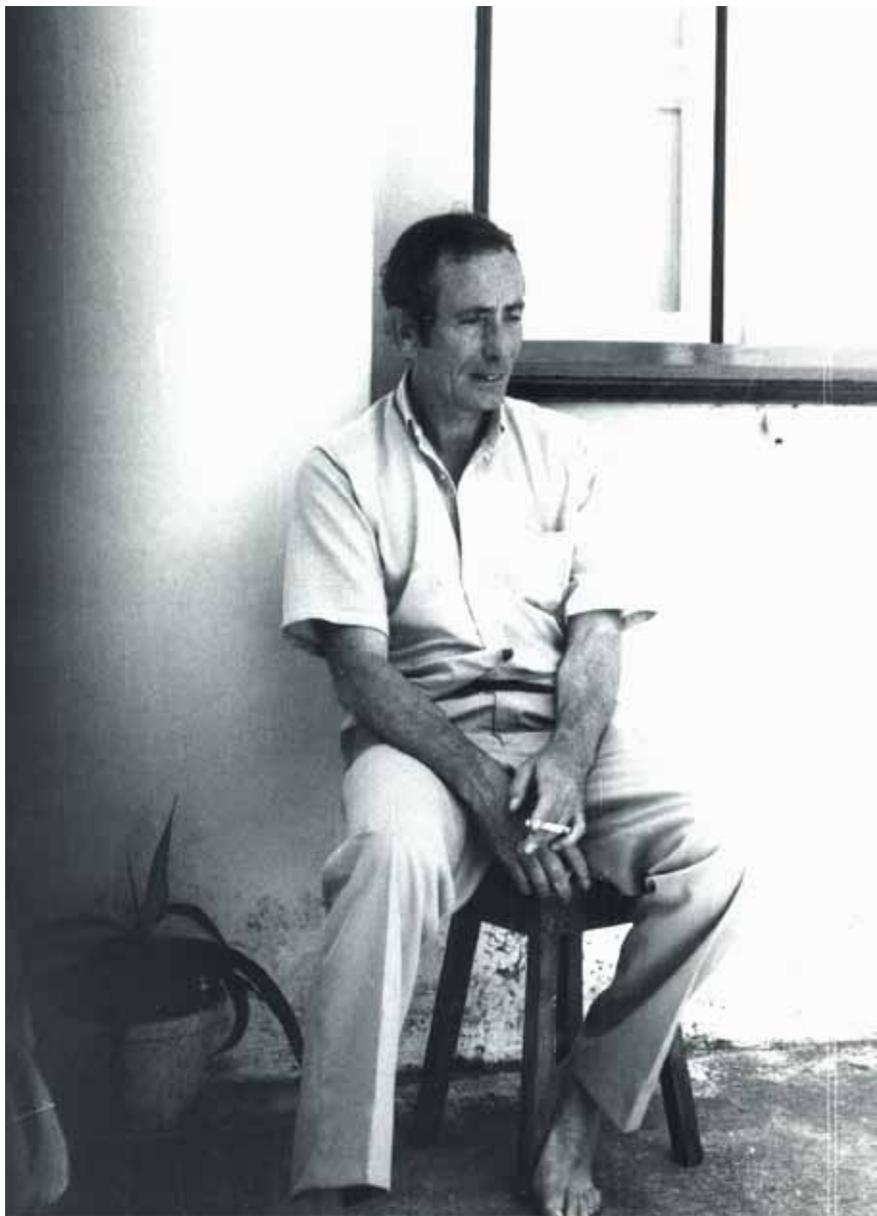
(1) *A Arte em Portugal no Século XX*, pags.335-6.

(2) Idem, Casa Repe – Rua Paiva de Andrade, 7.

(3) *Diário de Lisboa*, 14/11/1940.

(4) *Diário de Notícias*, 13/11/1940.

(5) *República*, 12/11/1940



(1964)

Dois anos depois, em 1942, ganha o Prémio Amadeo de Souza-Cardoso, na 7ª Exposição de Arte Moderna do SPN (dezembro) com o quadro *A Festa*, que surge com características bem diferentes; reflete a influência da religiosidade açoriana, evoca a Festa do Espírito Santo e o seu culto e é mais harmonioso e de grande suavidade cromática.

Em 1944 quando partilhava o atelier de António Pedro, na Travessa da Trindade, em Lisboa, viu uma parte da sua obra ser consumida por um incêndio e, para ganhar a vida, iniciou atividade regular como crítico de arte no *Diário Popular*, pela mão do então Diretor António Tinoco e seu grande amigo de *A Brasileira* do Chiado.

Em 1947 parte para Paris, como bolseiro do governo francês, interrompe a sua produção pictórica e passa a colaborar em diversos jornais e revistas.

Em 1953 começa a escrever regularmente artigos sobre teatro, pintura e gente famosa, para o jornal *O Estado de S. Paulo*, vivendo assim, durante cerca de 25 anos, sobretudo da crítica da atividade artística parisiense.

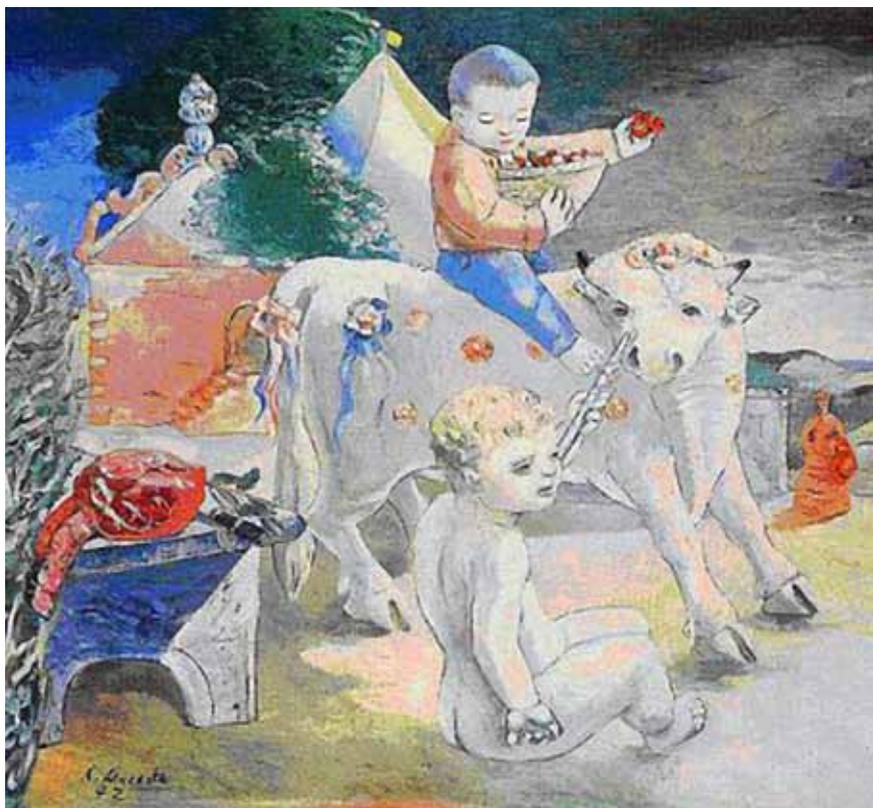
Desta cidade enviou apenas, em 1949, dois trabalhos para a Exposição do Grupo Surrealista de Lisboa (6), onde já se aproximava da abstração e, neste mesmo ano abandona a pintura para, por volta de 1978, recomeçar a pintar com assiduidade, expondo regularmente, a partir de 1983, em Portugal e no estrangeiro.

A Pintura e a Escrita coexistiram em Dacosta. No início dos anos 40, escreveu poesia, tendo sido apenas publicado em vida *O Trabalho das Nossas Mãos*. A poesia representava para Dacosta um complemento da pintura, utilizando-a como catalisador do processo criativo de pintar.

Esta produção poética, que parece ter sido vasta, quase se perdeu, por sua própria vontade, ou simplesmente, porque ela não lhe

---

(6) Esta Exposição teve lugar no último andar do nº 25 da Travessa da Trindade, a 19 de janeiro de 1949 e contou com um grupo de jovens artistas, como Alexandre O'Neill, António Pedro, Fernando de Azevedo, João Moniz Pereira, José-Augusto França e Marcelino Vespeira.



A Festa, 1942

serviria mais do que para a libertação do momento da sua criação. Em 1994, a título póstumo, foi ainda publicado algum do seu trabalho poético pela Editora Assírio & Alvim, com o título *A Cal dos Muros*, dividido em duas partes, *A Cal dos Muros*, que dá título à obra, e *Saudade*.

O estilo poético de Dacosta é simples, livre, com sabedoria e apresenta-se nitidamente vinculado às duas fases da sua pintura: os 27 poemas de *A Cal dos Muros* remetem para a sua fase surrealista, enquanto *Saudade* é constituída por 18 poemas de espírito claramente açoriano.



*Serenata Açoreana*, 1940 (col. particular)

## Poema Português

*Ó MINHA terra de nevoeiros míticos  
De imerecidas serras frescas  
O sol que aquece os teus dias não é nulo  
Nem os epistémicos deuses que te espreitam  
Do alto sobre as tuas sete colinas  
Ávidas estátuas tristes de serem velhas sombras  
Antigas e só oníricas de vez em quando  
Deixai pois ó pretas gravatas públicas da verdade  
Deixai o sonho ser tão real como são  
As pedras os muros as casas as amplas cidades  
A morna brisa que te aquece as noites  
Há-de amanhã soprar outra e outra vez  
E tudo o que no redondo mundo é vivo  
Será vida como agora a vejo eternamente a mesma.*

Dacosta retoma então a pintura na década de 70, com trabalhos abstratos de pequenas dimensões, usando colagens, muitos deles representando paisagens de ilhas açorianas e que manifestam a ligação artística e afetiva do pintor com a sua terra natal.

No decorrer dos anos 80, Dacosta torna-se um pintor muito disputado, circulando pelos principais museus e galerias de Portugal e ilhas, e parte para a exploração das originalidades. Interessa-se pelo pós-modernismo, surgindo assim as séries *As Fontes de Sintra* (1980-1987), pinturas em superfícies triangulares (algumas das quais, na coloração quase expressionistas), umas delimitadas por frisos que parecem decorar a obra, outras pintadas sobre madeira em forma de lua e, mais tarde, as “fontes” com pássaros e com o busto de Camões ou ainda por novos ensaios recorrendo à temática religiosa, como nas *Tentações de Santo António*.

É também nesta década que a sua profícua atividade pictórica se caracterizou pela utilização de temas figurativos (paisagens e praias,

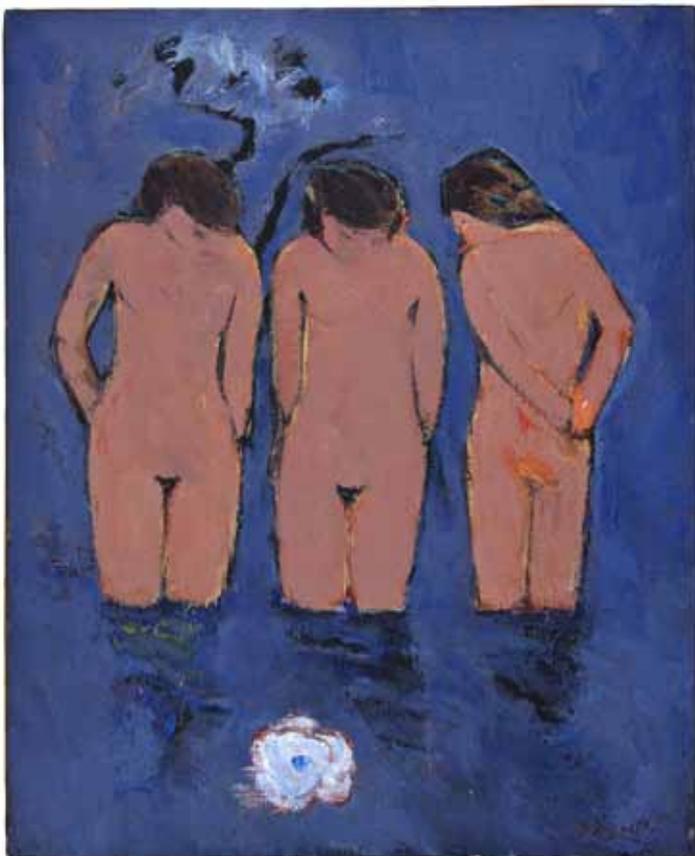
figuras humanas e animais, ninfas, sereias e deuses), demonstrando de novo, o seu constante fascínio pelas ilhas, patente, por exemplo, nos quadros *Memória* (1983); *Açoreana* (1986) e, numa alusão direta ao culto do Espírito Santo, *A Mulher e o Folião* (1983) e *A Menina da Bandeira III* (1984). Destaque ainda para a sequência de quatro pinturas *Em Louvor de...* (1986), cuja representação de cabeças de touros alude também às touradas à corda, típicas da ilha Terceira.

Em 1978, deixa de escrever para *O Estado de São Paulo* e vê, pela primeira vez, os seus quadros expostos no estrangeiro, na *Exposição Portuguese Art Since 1910*, na *Royal Academy of Arts*, em Londres, organizada por Helmuth Wohl, exposição que o pintor visitou na companhia de Júlio Pomar, com apoio da Fundação Calouste Gulbenkian.

Expõe em 1983 na Galeria 111, em Lisboa, e no ano seguinte recebe o prémio da AICA - Associação Internacional dos Críticos de Arte. Em 1988 grande parte da sua obra, dispersa por vários museus, galerias e coleções privadas, foi reunida e apresentada em diversas exposições no Centro de Arte Moderna José de Azeredo Perdigão, em Lisboa e na Casa de Serralves, no Porto.

Em 1989, realizou e instalou 88 painéis em madeira, dos quais 36 são cabeças humanas em relevo de gesso pintado e que se encontram no novo edifício da Assembleia Regional dos Açores, na cidade da Horta, e os esboços do coelho da *Alice no País das Maravilhas* para as intervenções plásticas da estação do Metro do Cais do Sodré, que Dacosta não conseguiu concluir a tempo, que seriam os seus últimos trabalhos.

Sendo as duas fases produtivas de Dacosta afastadas no tempo – em 1949 deixa de pintar e somente em 1975, o volta a fazer – e, não sendo muito extensa a sua obra, torna-se difícil definir a sua pintura que atravessa o expressionismo com um surrealismo figurativo, metafísico, explorando a livre associação de imagens e a mutação de formas e temas, para, quase trinta anos depois, já casado, romper com a boémia parisiense e optar por um discurso intimista, moldado por



*Nas Águas do Rio*, acrílico s/tela, 1980-1983 (col. particular)

suaves valores de composição cromática que assumem forte expressão poética, passando a ver “pelos olhos que trouxe das ilhas, lá de todo o repouso e paz crepuscular, lá do silêncio açoriano que nos ensina a ver com vagar e sem alarido, o que é natural e dado para se ver”, como escreveu, em 1942, o grande poeta Vitorino Nemésio<sup>(7)</sup>

---

(7) *Variante*, nº 1, Primavera, 1942

num belíssimo texto sobre a sua pintura, onde o chama “pintor europeu das Ilhas” e acrescenta “Os Açores merecem um pintor que exprima aquelas cores de cripta, aquela nobre lei de perspectiva que se funda nos picos e nas águas”.

A pintura de Dacosta, na sua segunda fase, faz-se das mais pequenas coisas do quotidiano: recortes de pedaços de tapumes, pedaços de cartazes e leva-os para o ambiente narrativo, como pinturas informais abstratas, algumas evocando a sua ascendência. Trabalha com fragmentos de embalagens de queijo “camembert” que utiliza para pintar, também aí, muitas vezes, as paisagens açorianas, chegando mesmo a utilizar a sua própria caixa de aguarelas na composição de um trabalho intitulado *Nécessaire d'artiste*.

Em 1990, ano da sua morte, concebeu ainda o projeto de um monumento para a baía de Angra do Heroísmo, que designou de *Altar*



*Dois Limões em Férias*, acrílico s/tela, 1983



*Nave – Em Louvor de...*, retomando novamente o culto do Espírito Santo, desta vez relacionado com o mar e as descobertas, inaugurado a 5 de junho de 1995 – Dia do Espírito Santo.

Neste mesmo ano, foi distinguido com a Grã Cruz da Ordem de Mérito.

Em 2003 o Museu de Angra do Heroísmo inaugurou a “Sala Dacosta”, espaço que tem sido local privilegiado para mostrar as diferentes facetas da obra deste importante pintor do século XX.

O ano de 2014 foi declarado pelo Governo dos Açores como *O Ano António Dacosta* que vai promover, no âmbito das comemorações do centenário do nascimento do pintor, várias atividades ao longo do ano, como conferências e exposições, por todas as ilhas, sendo as escolas o público alvo.

Ainda para fomentar a criatividade nos Açores, bem como valorizar a atividade cultural no domínio das artes plásticas, na categoria de pintura, o Governo Regional instituiu também o “Prémio António Dacosta”, com vista a galardoar os artistas regionais, a cada biénio a partir de 2014.

Igualmente no âmbito do centenário do nascimento de Dacosta, o Centro de Arte Moderna da Fundação Calouste Gulbenkian (CAM), com a orientação do Dr. José Luís Porfírio, inaugurou uma exposição retrospectiva acompanhada de uma publicação do catálogo “raisonné” digital sobre toda a sua obra, sob a direção do Dr. Fernando Rosa Dias e que esteve patente ao público de 17 de outubro de 2014 a 25 de janeiro de 2015.

Também os Correios de Portugal (CTT) se associaram a estas comemorações com a emissão de um selo com um quadro e foto de António Dacosta, na série *Os Vultos da História e da Cultura*.

A morte de António Dacosta ocorrida em Paris, a 2 de dezembro de 1990, é a perda do “Pintor Europeu das Ilhas” que marcou indubitavelmente a pintura portuguesa e, a Câmara Municipal de Lisboa, presta-lhe homenagem através da atribuição do seu nome a uma rua da Freguesia da Charneca, atual Freguesia de Santa Clara.





## BIBLIOGRAFIA

- Bibliografia cedida pela esposa, Miriam Dacosta.
- Imagens das obras amavelmente cedidas pelo Centro de Arte Moderna (CAM) – Fundação Calouste Gulbenkian.
- Colóquio- Artes nº. 49, junho de 1981.
- Colóquio- Revista de Artes e Letras nº. 22, fevereiro de 1969.
- Colóquio- Revista de Artes e Letras nº. 32, fevereiro de 1965.
- FRANÇA, J. A. (1985). A Arte em Portugal no Século XX – 1911-1961, Lisboa: Bertrand Editora.
- Jornal de Letras, Artes e Ideias, nº 943, de 22 novembro a 5 de dezembro de 2006.
- O Grande Livro dos Portugueses (1991). Lisboa: Círculo de Leitores.
- Variante, nº1, Primavera, 1942.
- <http://www.artecapital.net/exposicao-16-antonio-dacosta-antonio-dacosta>
- <http://www.cam.gulbenkian.pt/index.php?article=60254&visual=2&langId=1>
- <http://www.culturacores.azores.gov.pt/ea/pesquisa/Default.aspx?id=2440>
- [http://www.lusofonias.net/cat\\_view/99/106.html](http://www.lusofonias.net/cat_view/99/106.html)
- <http://www.publico.pt/cultura/noticia/cores-criam-premio-de-pintura-em-homenagem-a-antonio-dacosta-1622257>



## FICHA TÉCNICA

Edição | Câmara Municipal de Lisboa  
Presidente | **Fernando Medina**  
Pelouro da Cultura | **Catarina Vaz Pinto**  
Direção Municipal de Cultura | **Manuel Veiga**  
Departamento do Património Cultural | **Jorge Ramos de Carvalho**

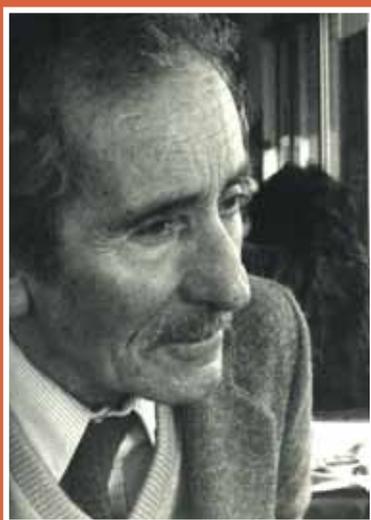
Título | **António Dacosta**  
Textos | **Isménia Neves**  
Design | **Ernesto Matos**  
Tiragem | 250  
Ano | 2016  
Depósito Legal | 406439/16  
Execução gráfica | **Imprensa Municipal de Lisboa**

# RUA ANTÓNIO DACOSTA



Início (norte)  
38.785440 -9.150564

Final (sul)  
38.782706 -9.150510



COMISSÃO  
MUNICIPAL  
DE TOPONÍMIA